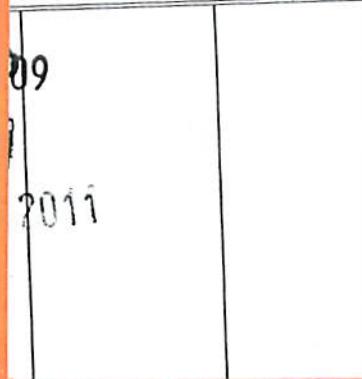


viva voz
viva voz
viva voz

DEVE SER DEVOLVIDO NA ULTIMA
DATA CARIMBADA



viva voz
viva voz
viva voz

N.Cham. 498.3 C579 2007

VETÍTULO: Cisão de caso, telicidade e posse em línguas
indígenas brasileiras.

98.3
579
007



296130708
430016

ver
ven
ver

VIVA VOZ
VIVA VOZ
VIVA VOZ

498.3

**Organizador
Fábio Bonfim Duarte**

C 579

2007

**Cisão de caso,
telicidade e posse
em línguas indígenas
brasileiras**

Belo Horizonte
FALE/UFMG
2007

430016

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA UNIVERSITARIA

06/11/07

2961307-08

*UNIVERSIDADE FEDERAL DE
Belo Horizonte*

Diretor da Faculdade de Letras

Jacyntho José Lins Brandão

Vice-Diretor

Wander Emediato de Souza

Comissão editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis

Elisa Amorim Vieira

Lucia Castello Branco

Maria Cândida Trindade Costa de Seabra

Maria Inês de Almeida

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

Mangá – Ilustração e Design Gráfico

Revisão e normalização

Carolina Zuppo

Formatação

Michel Gannam

Revisão de provas

Os autores

Endereço para correspondência

FALE/UFMG – Setor de Publicações

Av. Antônio Carlos, 6627 – sala 3025

31270-901 – Belo Horizonte/MG

Telefax: (31) 3499-6007

e-mail: vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação . 5

Fábio Bonfim Duarte

Marcação de caso nos

argumentos nucleares da língua Ka'apor . 8

Mário Alexandre Garcia Lopes

Verbos transitivos,

inergativos e inacusativos em maxakalí . 34

Carlo Sandro de Oliveira Campos

Sistemas de Caso

e concordância em Tenetehára . 50

Fábio Bonfim Duarte

Estudo sobre os nomes

em Mbyá Guarani: a posse . 65

Maria Luisa de Andrade Freitas

Duplicação como

pluralidade de eventos télicos em juruna . 76

Suzi Oliveira de Lima

Ergatividade:

uma síntese tipológico-funcional . 94

Marco Antônio Bomfoco

Duplicação como pluralidade de eventos télicos em juruna*

Suzi Oliveira de Lima**

Abstract: The aim of this paper is discuss events (Kratzer 2002) and the property of plurality in Brazilian indigenous languages. We will discuss four points: 1) the fact that Juruna [Juruna family] and other languages of the Tupí stock – Karitiana [Arikém family], Karo [Ramarama family], Xipaya [Juruna family], Munduruku [Munduruku family], Gavião [Mondé family] and Mekéns [Tupari family] - present verb reduplication in contexts of plurality of events; 2) the fact that Juruna has a group of verbs that reduplicate in contexts of plural events, and another group of verbs that never duplicate in that same context; 3) the relationship between reduplication and telicity; 4) the parallelism between nominal quantification and verbal quantification.

O fenômeno da duplicação verbal nas línguas Tupí

As línguas do tronco Tupí apresentam recorrentemente duplicação verbal associada à iteratividade (repetição de processos), tal como foi descrito pelos autores que trabalharam com as línguas deste tronco. A seguir, apresentamos 8 línguas, que fazem parte do tronco Tupí:

* Este trabalho foi realizado durante o desenvolvimento do projeto de mestrado "As classes de verbos da língua Juruna: aspectos sintáticos e semânticos", financiado pela Fapesp (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) sob orientação da Professora Dra. Luciana Storto, a quem agradeço os valiosos comentários, assim como agradeço à professora Dra. Ana Paula Scher, pelas sugestões. Esclareço, contudo, que quaisquer equívocos porventura encontrados nesta análise são de minha total responsabilidade.

** Universidade de São Paulo
suzilima@usp.br

Tabela 1
Línguas Tupí e o processo de duplicação

Línguas Tupí¹	Duplicação
Juruna (família Juruna)	Fargetti (2001, p. 178): a duplicação verbal está associada a plural de argumentos e à reiteração de processos. Lima (2006): a reduplicação e a supleção verbal podem estar associadas somente à pluralidade de eventos.
Mekéns (família Tupari)	Galucio (2001, p. 104): qualquer raiz verbal pode ser duplicada para marcar: iteratividade, modo como algum evento foi performado ou ainda a repetição de um evento.
Munduruku (família Munduruku)	Picanço (2005, p. 376) e Angotti (1998, p. 15): a duplicação está associada à extensão do processo ou processo repetido.
Gavião (família Mondé)	Moore (1984, p. 241): há duplicação na língua para marcar repetição de ação.
Xipaya (família Juruna)	Rodrigues (1995, p. 68): duplicação marca repetição ou duração de processo. Acontece principalmente com verbos que marcam um processo cujo desenvolvimento pode se prolongar (<i>beber, fazer, dormir, por exemplo</i>).
Karitiana (família Arlkém)	Mendes (2005): a duplicação verbal parece estar associada à multiplicidade de eventos descritos pela sentença; Storto (comunicação pessoal): duplicação e supleção verbal marcam pluralidade de argumentos ou eventos; Müller, Storto, Coutinho-Silva (2005): duplicação pode estar associada à pluralidade de eventos.
Karo (família Ramarama)	Gabas Jr. e Van den Auwera (2004, p. 401): a duplicação aparece em ideofones - aparentemente não em verbos - para marcar aspecto iterativo ou continuativo.
Kamalurá (família Tupí Guarani)	Seki (2000, p. 133-141) relaciona duplicação dos verbos à marcação dos aspectos: iterativo, sucessivo e intensivo.

A literatura de línguas indígenas do tronco Tupí nos mostra que não são todos os verbos de uma dada língua que duplicam, mas apenas um grupo deles. Diante deste fato decidimos observar qual é a característica comum aos verbos

¹ A comparação dos fatos destas e de outras línguas Tupí tem sido trabalho dos pesquisadores do Projeto Tupí Comparativo (Museu Emílio Goeldi) composto por: Ana Vilacy Galucio, Carmen Rodrigues, Denny Moore (coordenador), Didier Demolin, Gessiane Picanço, Luciana Storto, Nilson Gabas Jr., Sebastian Drude e Sérgio Meira. Aproveitarmos para agradecer as comunicações pessoais com os pesquisadores da língua munduruku, Mary Angotti e Dioney Moreira Gomes.

que aceitam duplicação em oposição aos que não aceitam. Para discutir esta questão, optamos por observar mais detidamente a língua Juruna, com a qual trabalhamos diretamente.

Este texto está organizado em quatro seções: na seção (2), apresentamos o fenômeno da duplicação verbal na língua Juruna; na seção (3), discutimos a relação do traço [TÉLICO] com os grupos de verbos que duplicam; e, por fim, avaliamos em que medida estes fatos representam para a discussão sobre o paralelismo entre quantificação nominal e verbal (seção 4).

Corpus

O *corpus* é composto de dados da língua Juruna testados por Fargetti (2001), Louro (1978) e principalmente pelos dados coletados por mim e por Luciana Storto em abril de 2006.

Modificações de raiz verbal em Juruna e a pluralidade

A língua Juruna apresenta três fenômenos possíveis para modificação de raiz verbal: 1) afixação (utilizada para marcar a diferença entre verbos intransitivos e transitivos, assim como para marcar a causativização de um verbo) (Fargetti, 2001; Lima, 2006), 2) supleção (Lima, 2006) e 3) duplicação (Fargetti, 2001; Lima, 2006).

Segundo Fargetti (2001, p. 178) a duplicação verbal pode estar relacionada a duas funções: 1) plural de argumentos (via infixação (*djidaku*> *djidaidaku*); ou 2) reiteração (por sufixação (*wiyu*> *wiyāwiyā*). Dessa perspectiva, em exemplos como (1b), o verbo duplicado marca pluralidade do sujeito e em (1d) o verbo marca a pluralidade do objeto:

- (1a) *eduk-u*² (Fargetti, 2001)
*Una eduku*³
1s machucar-se-realís.
“Eu me machuquei”

(1b) *eduduk-u* (Fargetti, 2001)
Ulu’udi eduduku
1pl machucar-se (dupl)-realís
“Nós nos machucamos”

(1c) *djidak-u* (Fargetti, 2001)
Una e-djidaku e-be
1s 2s-bater-realís 2s-dat
“Eu bati em você”

(1d) *djidaidak-u* (Fargetti, 2001)
Una ese-djidaidaku ese-be
1s 2pl- bater(dupl)-realís 2pl-dat
“Eu bati em vocês”

Porém, ao testar em Juruna o paradigma completo dos verbos duplicados⁴ investigando a possibilidade de eles marcarem pluralidade de eventos, corroboramos esta última hipótese uma vez que há exemplos em que um dos argumentos está no plural, mas o verbo - *bater* (1e e 1f) - não duplica, tal como vemos a seguir:

- (1e) *djidak-u*
*Anã ese-djidaku*⁵.
 3s 2pl-bater-realís.
 "Ele bateu em vocês"

³ O morfema {-u} está relacionado ao modo *realis* ("não-futuro") e o *Irrealis* ao morfema {-a} ("futuro") (Färnett 2001, p.163).

³ Os dados apresentados seguem a ortografia apresentada por Fargetti (2001, p.53). Não acrescentamos os tons nos dados abaixo.

⁴ Também hipotetizamos que a supleção dos verbos na língua Juruna esteja relacionada à pluralidade (Luma, 2006). Contudo, não trataremos dos casos de supleção neste artigo, mas tão somente dos de duplação.

Exemplos sem identificação ao longo do texto são dados coletados por mim.

- (1f) *djidak-a*
Una ese-djidaka.
 1s 2s-bater-irrealis.
 "Eu vou bater em vocês"

Assim como também há sentenças em que o sujeito e objeto estão no singular e o verbo aparece duplicado, tal como vemos abaixo em (1.h.):

- (1g) *Una yaekua tese*
 1s lembrar 3pl
 "Eu lembrei deles"
- (1h) *João djuda yaekuakua*
João mãe lembrar-dupl.
 "João lembrou da mãe (várias vezes)"

Devido a fatos como esses, começamos a hipotetizar que a duplicação verbal está associada ao argumento evento⁶ e não ao número (singular/plural) dos outros argumentos das sentenças (sujeito e complemento). Vejamos a seguir alguns exemplos dos verbos da língua Juruna que aceitam duplicação neste contexto:

Tabela 2
 Verbos que duplicam

Verbo em português	Verbo sem duplicação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
cavar	upi	u-pi-pi	afixação	<i>Epiã upi na</i> buraco cavar 1s "Eu cavei (o) buraco" <i>Epiã upipi na</i> buraco cavar-dupl. 1s "Eu cavel (os) buracos"

⁶ Partimos aqui da proposta de Davidson (1967), segundo a qual os predicados das línguas naturais apresentam um argumento evento. A partir dessa perspectiva, um verbo como "rir", em português, seria um predicado de dois argumentos: a pessoa (quem ri) e o evento (evento de rir).

Verbo em português	Verbo sem duplicação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
descascar	asaku	a-sa-saku	afixação	<i>Asaku na mayaka be</i> descascar 1s mandioca dat "Eu descasquel (a) mandioca" <i>Asasaku na mayaka be</i> Descascar-dupl. 1s mandioca dat "Eu descasquel (as) mandiocas"
lavar	idaku	i-dai-daku	afixação	<i>Ildja-i abeata idaldaku</i> Mulher-pl roupa lavar-dupl. "(As) mulheres lavaram a roupa" <i>Ildja abeata idaikaku</i> Mulher roupa lavar-dupl. "(A) mulher lavou as roupas" <i>Ildja-i abeata idaku</i> Mulher-pl roupa lavar "(As) mulheres lavaram (a) roupa"
enfeitar	unka	unka-unka	Repetição completa	<i>Ildja dumabi unka</i> Mulher filha enfeitar "(A) mulher enfeitou (a) filha" <i>Ildja de ali unka unka</i> Mulher ? criança enfeitar-dupl "(A) mulher enfeitou (as) crianças"
pular	pírika	píri-píri-ka	afixação	<i>Ildja pírika</i> Mulher pular "(A) mulher pulou" <i>Senahí-i da píripírika</i> homem-pl pl pular-redpl "(Os) homens pularam"
molhar	i'uru	i'u-'u-ru	afixação	<i>Abeata i'uru</i> roupa molhar "(A) roupa molhou" <i>Xirara i'u'uru</i>

Verbo em português	Verbo sem duplicação	Verbo com duplicação	Tipo	Exemplos
				Calça molhar-dupl. "(As) calças molharam"
sonhar	e'elu	e-'ela-'ela	afixação	E'elu na sonhar 1s "Eu sonhei" Ali da e'ela'ela Criança pl sonhar-dupl. "(As) crianças sonharão"
estourar	Iudjaku	Iu-dja-dja-ku	afixação	Arapadika Iudjaku bola estourar "(A) bola estourou" Arapadika Iudjadjaku bola estourar-dupl. "(As) bolas estouraram"

Diferentemente do que vimos na Tabela 2, há verbos na língua Juruna que não duplicam em contextos de pluralidade de eventos. Vejamos os exemplos:

Tabela 3
Verbos que não duplicam

Casos especiais: mesma forma, duplicada ou não, para qualquer contexto em que o verbo for usado

rir	Lakarikada na rir 1s "Eu ri"	Senahi-i lakarikada Homens-pl rir "(Os) homens riram"
gritar	Azahaha na Gritar 1s "Eu gritei"	Senahi-i azahaha kara Homem-pl gritar passar "(Os) homens gritaram várias vezes (ficaram gritando)" Senahi-i da azahaha Homens-pl pl gritar "(Os) homens gritaram"

**Casos especiais: mesma forma, duplicada
ou não, para qualquer contexto em que o verbo for usado**

mentir	<i>Iidja yaridjaridja</i> mulher mentir "(A) mulher mentiu"	<i>Iidja yaridjaridja kara</i> mulher mentir passar "(A) mulher mentiu várias vezes (ficou mentindo)"
brigar	<i>All lakariku</i> criança brigar "(A) criança brigou"	<i>All da lakariku</i> criança pl brigar "(As) crianças brigaram"
nadar	<i>All etahu</i> criança nadar "(A) criança nadou"	<i>Senahī-i etahu</i> homem-pl nadar "(Os) homens nadaram"
remar	<i>Uruku na</i> Remar 1s "Eu remei"	<i>Uruku udi</i> Remar 1pl "Nós remamos"
vomitar	<i>All ena'ena</i> Criança vomitar "Criança está vomitando"	
vingar	<i>Iidja emiānu</i> Mulher vingar-se "(A) mulher se vingou"	<i>Senahī-i da emiānu</i> homem-pl pl vingar "(Os) homens se vingaram"
soprar	<i>Asu na te</i> Soprar 1s 3s "Eu soprei Isso"	<i>Senahī-i asu</i> Homem-pl sopraram "(Os) homens sopraram"
desaparecer	<i>Iidja maetikāu</i> mulher desaparecer "(a) mulher desapareceu"	<i>Iidja-i maetikāu</i> mulher-pl desaparecer "(as) mulheres desapareceram"
trabalhar	<i>Kuperi na</i> Trabalhar 1s "Eu trabalhei"	<i>Kuperi da</i> Trabalhar pl "Eles trabalharam"

Observando os dados, não parece haver um critério sintático em relação à estrutura argumental (inergativo, inacusativo, etc), por exemplo, que determine se os verbos duplicarão ou não. Como vemos nas tabelas acima, há verbos intransitivos que duplicam (*sonhar, pular* etc) e há os que não duplicam (*trabalhar, rir* etc). Da mesma forma, não há um critério fonológico — como peso de sílaba, por exemplo, que

foi um critério importante na análise dos dados da língua yaqui, segundo Harley e Amarillas (2003) — que determine se os verbos duplicarão ou não. Isso porque, como podemos ver na Tabela 2 os padrões silábicos dos verbos que duplicam são diversos (CV, CVV, CVC); logo, não é isso que os distingue dos verbos que não duplicam. Dados os fatos, discutiremos na seção a seguir qual é o traço que se mostrou relevante para a divisão dos verbos que duplicam ou não nesta língua.

Uma abordagem

semântica: a relevância da telicidade

Na análise dos verbos de uma língua, é necessário compreender as informações semânticas que estes verbos apresentam em sua estrutura argumental, as quais são importantes para compreender suas restrições sintáticas e morfológicas. Para discutir esta questão, partiremos das discussões de Tenny (1994) e Smith (1997) que discutiram a relação dos verbos com aspecto e evento. Tenny (1994) apresenta uma distinção importante entre aspecto e evento. Aspecto, diz a autora (1994, p. 3), é uma subparte da estrutura de evento, a qual, por sua vez, é inerente à estrutura argumental dos verbos. Contudo, é a parte aspectual que faz a interface entre a raiz e os participantes do evento e por isso ela é essencial para a determinação das estruturas sintáticas. Da perspectiva da autora, o aspecto se refere às propriedades temporais internas de um evento. Tenny apresenta em seu trabalho algumas características dos tipos de aspecto verbal, a saber:

Tabela 4
Aspecto verbal (Tenny, 1994)

Tipo de aspecto	Características
Estativo	São desenvolvidos ao longo do tempo
Atividade	São desenvolvidos ao longo do tempo
Accomplishment	Tem um término determinado e duração
Achievement	Tem um término determinado e acontece instantaneamente (evento de duração curta ou sem duração).

Em suma, *accomplishments* e *achievements* são delimitados, em oposição a estativo e atividade, que não são delimitados. Nesta perspectiva, falar em eventos que são ou não delimitados esbarra na distinção télico/atélico.

Smith (1997) apresenta dois subgrupos de tipos de aspecto: os aspectos do tipo ponto de vista (*viewpoint*) e os aspectos de situação (*situation*). Os aspectos de ponto de vista estão relacionados a propriedades temporais do evento em oposição aos de situação, que estão relacionados às categorias de estado ou evento denotado pelo verbo. O aspecto de situação do verbo é definido de acordo com a relação dele com outros argumentos, enquanto o aspecto de ponto de vista deriva de um morfema gramatical, por exemplo, as flexões verbais. Smith divide os aspectos de situação em 5 grupos, a saber:

Tabela 5
Aspectos de situação (Smith, 1997)

Tipo	Traços			Exemplo
Estativo	estático	Durativo	----- ⁷	saber a resposta; amar a Maria
Atividade	dinâmico	durativo	atélico	rir
<i>Accomplishment</i>	dinâmico	durativo	télico	construir a casa; aprender grego
Semelfactivo	dinâmico	instantâneo	atélico	bater na porta
<i>Achievement</i>	dinâmico	instantâneo	télico	ganhar a corrida; vencer a prova

⁷ Vale ressaltar que nem todos os traços são relevantes para definir os aspectos apresentados. No caso do estativo, é irrelevante o traço [+/- télico]. Ou, em outras palavras, o traço [+/- télico] é irrelevante para situações com a propriedade [+estático] (Smith, 1996, p.20).

Os aspectos de ponto de vista são três, a saber:

Tabela 6
Aspectos de ponto de vista (Smith , 1997)

Tipo	Traços
Perfectivo	Foca uma situação em sua totalidade, incluindo o ponto de vista inicial e o final.
Imperfectivo	Foca uma parte da situação, não inclui nem o ponto de vista inicial nem o final.
Neutro	Flexível; inclui ponto de vista final e ao menos um ponto intermediário.

Um ponto pacífico entre Tenny (1994) e Smith (1997) é o fato de o aspecto de um verbo poder variar. Contudo, através da proposta de Smith (1997) podemos compreender que o aspecto que varia é o de ponto de vista (Tabela 6) e não o de situação (Tabela 5), uma vez que este parece ser restrito na estrutura argumental dos verbos a partir de traços como a telicidade, por exemplo. Uma questão que discutiremos na continuação deste trabalho é se um verbo originalmente télico – em outras palavras, um verbo que exija um ponto inicial e um ponto de culminação – pode ser usado como um verbo atélico. Para tanto, observaremos quais recursos lingüísticos são utilizados para essa mudança, assim como discutiremos a possibilidade de um verbo atélico ser utilizado como télico.

Tendo em vista os dados da língua Juruna – onde nem todos os verbos aceitam a duplicação para pluralidade de eventos – assim como as propostas de Tenny (1994) e Smith (1997), passamos a hipotetizar que há algum traço (ou um conjunto de traços) na composição de cada verbo que limita as possibilidades estruturais – morfológicas e sintáticas – em que uma raiz verbal pode aparecer. Relacionamos essa característica aos traços que formam o aspecto de situação do verbo (uma vez que o aspecto, segundo Tenny (1994) faz a interface entre a raiz e os participantes do evento e por isso ele é essencial para a determinação das estruturas sintáticas,

como dissemos anteriormente). Partimos dos traços propostos por Smith (1997) e a relação deles com os eventos associados a cada tipo de aspecto de situação:

Tabela 7
Aspectos de situação e seus traços

Tipo	Traços	Evento
Estativo	Estático, durativo	-----
Atividade	Dinâmico, durativo, atélico	Eventos cumulativos
Accomplishment	Dinâmico, durativo, télico	Resulta em novo estado, são finitos.
Semelfactivo	Dinâmico, atélico, instantâneo	Evento único, sem resultado.
Achievement	Dinâmico, télico, instantâneo	Evento único, rápido.

A partir da comparação dos traços da Tabela 7 e do fato de eles serem binários, é possível reduzi-los a três (Smith 1997; 20):

Tabela 8
Aspectos de situação e seus traços

Situações	Estático	Durativo	Télico
Estativo	[+]	[+]	[-]
Atividade	[-]	[+]	[-]
Accomplishment	[-]	[+]	[+]
Semelfactivo	[-]	[-]	[-]
Achievement	[-]	[-]	[+]

Visto isso e tendo por base os dados da língua Juruna, decompomos os verbos em relação a esses três traços:⁸

* Vale ressaltar que estamos partindo dos pressupostos da Morfologia Distribuída (Haile & Marantz, 1993; Marantz, 1997), segundo a qual as palavras são formadas por traços que são manipulados durante a derivação sintática. No caso de nossa análise, o traço télico restringe o comportamento morfossintático dos verbos.

Tabela 9
Traços dos verbos da língua Juruna que duplicam

Verbos que duplicam	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
partir	-	+	+	<i>accomplishment</i>
bater	-	-	+	<i>achievement</i>
beber	-	+	+	<i>accomplishment</i>
cair	-	-	+	<i>achievement</i>
comer	-	+	+	<i>accomplishment</i>
contar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
sentar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
cozinhar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
assustar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
derrubar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
cavar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
descascar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
lavar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
plantar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
fazer	-	+	+	<i>accomplishment</i>
enfentar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
morrer	-	-	+	<i>achievement</i>
pular	-	-	+	<i>achievement</i>
molhar	-	-	+	<i>achievement</i>
amarra	-	+	+	<i>accomplishment</i>
sonhar	-	+	+	<i>accomplishment</i>
banhar	-	+	+	<i>accomplishment</i>

Vejamos agora a decomposição de traços dos verbos que não duplicam, independentemente do contexto sintático em que o verbo seja usado:

Tabela 10
Traços dos verbos da língua Juruna que não duplicam

Verbos que não alternam	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
rir	-	+	-	<i>atividade</i>
gritar	-	+	-	<i>atividade</i>
mentir	-	+	-	<i>atividade</i>

Verbos que não alternam	[estático]	[durativo]	[télico]	Aspecto
brigar	-	+	-	atividade
nadar	-	+	-	atividade
remar	-	+	-	atividade
vomitar	-	+	-	atividade
vingar	-	+	-	atividade
assoprar	-	-	-	semelfactivo
trabalhar	-	+	-	atividade
ter	+	+	-	estativo

A partir dos fatos das Tabelas 9 e 10, podemos hipotetizar para a língua Juruna que:

- 1) verbos do tipo *accomplishment* e *achievement* aceitam modificação morfológica do verbo para marcar pluralidade;
- 2) verbos de *atividade* não aceitam modificação morfológica no verbo uma vez que eles são sempre eventos plurais, desde a origem cumulativos e, logo, não é necessário que eles sofram mudança morfológica para marcar este fato;⁹
- 3) verbos *estativos* não duplicam, porque não se configuram como evento, mas antes um resultado de evento;
- 4) verbos *semelfactivos* não apresentam modificação morfológica no verbo em contextos de pluralidade;

A rigor, o que diferencia os grupos de verbos que duplicam (*accomplishment* e *achievement*) em oposição aos que não duplicam (estativos, de atividade e semelfactivos) é o traço [TELICIDADE]: os verbos [+TÉLICO] duplicam em oposição aos [-TÉLICO] que não duplicam, tal como vemos a seguir:

* Krifka (1998; 207) ao discutir os predicados télicos diz que "predicados cumulativos são tipicamente atéticos" (tradução nossa).

Tabela 11
Traços aspectuais e a relação com a duplicação

Situações	Estático	Durativo	Télico	Duplicação/modificação de raiz
Estativo	[+]	[+]	[−]	não
Estativo	[+]	[+]	[−]	não
Atividade	[−]	[+]	[−]	não
Atividade	[−]	[+]	[−]	não
Accomplishment	[−]	[+]	[+]	sim
Accomplishment	[−]	[+]	[+]	sim
Semelfactivos	[−]	[−]	[−]	não
Semelfactivos	[−]	[−]	[−]	não
Achievement	[−]	[−]	[+]	sim
Achievement	[−]	[−]	[+]	sim

Vale ressaltar que nossa análise discutirá, no prosseguimento da pesquisa, os casos de verbos télicos que podem ser usados como atéticos e de verbos atéticos que podem ser usados como télicos. É possível que a língua se utilize de recursos para criar o efeito de telicidade em um verbo atético (e vice-versa) através de um núcleo funcional. Esse tipo de ambigüidade – se o verbo é delimitado/télico ou não – decorre inclusive do próprio fato dos verbos descreverem eventos ora absolutos ora relativos, tais como os exemplos de Tenny (1987, p.88) mostram para o inglês:

- (1a) *The weather has finally cooled* ("O tempo finalmente esfriou")
- (1b) *The weather has cooled considerably* ("O tempo esfriou consideravelmente")

Nesses casos, o que observamos é que ser télico – que é propriedade verbal – pode ser relativizado de acordo com outros recursos lingüísticos, como advérbios (*finalmente*, *consideravelmente*) ou, em outros casos, de acordo com a

flexão de tempo, por exemplo. Contudo, isso não altera o fato de um verbo ser télico ou atélico. O fato de podermos dizer “Eu ri do início ao fim da aula” não transforma o verbo *rir* em um verbo télico, mas apresenta um contexto em que ele pode apresentar esta característica. Ou seja, é necessário ter clara a diferença entre os aspectos de situação e os de ponto de vista, uma vez que estes estão relacionados a propriedades temporais do evento em oposição aos de situação, que estão relacionados às categorias de estado ou evento denotado pelo verbo.

Evidências para o paralelismo entre quantificação verbal e nominal

Como pudemos ver, é possível dividir os verbos que duplicam dos que não duplicam através do traço de telicidade, o qual contabiliza a extensão do evento denotado pelo verbo. Esse tipo de questão reafirma o paralelismo entre a distinção contável/massivo dos nomes e a distinção delimitado/não-delimitado dos eventos denotados pelos verbos (Tenny, 1987, p. 87).

Nos dados que analisamos acima, o que percebemos é que os verbos – assim como os nomes – apresentam restrição de contabilidade de acordo com as características do evento que ele denota. Enquanto há eventos que são passíveis de serem contabilizados, há outros que não são passíveis de decomposição em subeventos e que são, aparentemente, sempre cumulativos. Estes, diferentes daqueles, portanto, não duplicarão na língua Juruna, pois não variam em relação a número de eventos. Ou seja, não estabelecem distinção entre um único evento ou uma multiplicidade de eventos.

Considerações finais

Neste trabalho procuramos explicar a modificação de raiz verbal da língua Juruna em contexto de pluralidade de eventos. Uma primeira conclusão a que chegamos é que, se evento é algo que faz parte da estrutura argumental dos

verbos (Davidson, 1967; Kratzer, 2002; Tenny; Pustejovsky, 2000), temos que explicar como ele é marcado nas sentenças. Para tanto, fizemos uso dos traços que compõem os aspectos de situação (atividade, estado, *acccomplishment*, *achievement* e *semelfactivo*) para discutir o *status* do evento na estrutura argumental dos verbos. Como vimos, o traço que se faz determinante para a divisão de grupos de verbos nessa língua foi o traço [télico], o qual divide os verbos da língua Juruna em relação aos que duplicarão ou não. Em suma, verbos que apresentam culminância, que são delimitados (télicos), são passíveis de duplicação, enquanto os não-delimitados (atélicos) não duplicam em nenhum contexto.

No prosseguimento deste trabalho, faremos divisões no interior dos grupos sintáticos — por exemplo, verbos inergativos do tipo *accomplishment*; *achivement* etc. — para compreender melhor as classes verbais da língua Juruna e aprofundaremos a discussão acerca do traço [télico] na relação dos verbos com seus argumentos, especialmente o argumento evento.

Referências

- ANGOTTI, M. L. de O. *A causativização em Munduruku: aspectos morfo-sintáticos*. Dissertação (Mestrado em Lingüística). UnB, Brasília, 1998.
- DAVIDSON, D. *The logical form of actions sentences*. In: RESCHER, Nicholas (Ed.). *The logical of decision and action*. Pittsburgh: Pittsburgh University Press, 1967.
- FARGETTI, C. M. *Estudo fonológico e morfossintático da língua Juruna*. Tese (Doutorado em Lingüística). Unicamp, Campinas, 2001.
- GABAS JR., N.; AUWERA, Van den. Ideophones in Karo. In: ACHARD, M. KEMMER, S. (Ed.). *Language, culture and mind*. [S. I.]: CSLI Publications, 2004.
- GALUCIO, A. V. *The morphosyntax of Mekéns (Tupi)*. Tese (Doutorado em lingüística). University of Chicago, Chicago, 2001.

- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, Kenneth; KEYSER, S. J. (Ed.). *The view from building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HARLEY, H.; AMARILLAS, M. *Reduplication multiplication in Yaqui: meaning x form*. [S. I.]: [s. n.], 2003.
- KRATZER, A. The event and the semantic of verbs. Disponível em: <http://semanticsarchive.net/Archive/GU1NWM4Z/>. Acesso em: mar. 2000.
- KRIFKA, M. The origins of telicity. In: KRIFKA, M. *Events and grammar*. [S. I.]: Kluwer Academic Publishers, 1998.
- LIMA, S. O. de. Duplicação, supleção, afixação e alternância verbal nas línguas Tupi: pluralidade de sintagmas nominais ou de eventos? *Apresentação do IX ENAPOL*, 2006. Texto enviado para publicação.
- LOURO, R. L. *Fonologia Juruna*. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia e Lingüística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1978.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. (Ed.). ANNUAL PENN LINGUISTICS COLLOQUIUM, 21. *Proceedings...*, 1997. p. 201-225.
- MENDES, L. S. Variação semântica: pluracionalidade e quantificação. In: *13º Simpósio Internacional de Iniciação Científica*, 2005.
- MOORE, Denny. *Syntax of the Gavião Indians of Rondonia, Brazil*. Tese (Doutorado em lingüística). New York, 1984.
- MÜLLER, A. P.; STORTO, L.; COUTINHO, T. Number and the count-mass distinction in Karitiana. In: *Workshop on the Structure and Constituency of Languages of the Americas*. Vancouver, 2005.
- PICANÇO, Gessiane Lobato. *Munduruku: phonetics, phonology, synchrony, diachrony*. Tese (Doutorado em lingüística). The University of British Columbia, 2005.
- RODRIGUES, C. L. R. *Étude morphosyntaxique de la langue Xipaya*. Tese (Doutorado em lingüística). Université Paris VII, Paris, 1995.
- SEKI, L. *Gramática do Kamaiurá: línguas Tupí-Guarani do Alto do Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.
- SMITH, C. *The parameter of aspect*. 2. ed. Dordrecht: Kluwer, 1997.
- STORTO, L. *Aspects of Karitiana grammar*. Tese (Doutorado em lingüística). Massachusetts Institute of Technology, 1999.
- TENNY, C. *Aspectual roles and the syntax-semantics interface*. Dordrecht: Kluwer, 1994.
- TENNY, C.; PUSTEJOVSKY, J. A history of events in linguistic theory. In: *Events as a Grammatical Objects*, 2000.